



FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI

CARMEN IVANETE D'AGOSTINI SPANHOL

**FAZER-SE PESSOA: A EVOLUÇÃO PESSOAL DE MULHERES DE
MEIA IDADE ACADÊMICAS DO BACHARELADO EM
ONTOPSICOLOGIA**

**RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2019**

Carmen Ivanete D`Agostini Spanhol

**FAZER-SE PESSOA: A EVOLUÇÃO PESSOAL DE MULHERES DE
MEIA IDADE ACADÊMICAS DO BACHARELADO EM
ONTOPSICOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso. Monografia, apresentada ao Curso de Graduação em Bacharelado em Ontopsicologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof^ª Dra. Noemi Boer

Coorientadora: Prof^ª Ms. Maria Tereza Andreola

Carmen Ivanete D`Agostini Spanhol

**FAZER-SE PESSOA: A EVOLUÇÃO PESSOAL DE MULHERES DE
MEIA IDADE ACADÊMICAS DO BACHARELADO EM
ONTOPSICOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso. Monografia, apresentada ao Curso de Graduação de Bacharelado em Ontopsicologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a Doutora Noemi Boer
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso

Prof^a Mestre Maria Tereza Andreola
Membro da Banca Examinadora

Prof^a Doutora Claudiane Weber
Membro da Banca Examinadora

Recanto Maestro, 20 de setembro de 2019

Epígrafe

“...é necessário ter a coragem de ser humilde e dispor-se a aprender.”

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, 2013.

FAZER-SE PESSOA: A EVOLUÇÃO PESSOAL DE MULHERES DE MEIA IDADE ACADÊMICAS DO BACHARELADO EM ONTOPSICOLOGIA¹

Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol²

Noemi Boer³

Maria Tereza Andreola⁴

Resumo

Neste artigo tem-se por objetivo compreender a construção do Eu de mulheres de meia idade, algumas do último período (sexto módulo), do curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti - AMF. Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista Biográfica elaborada por Gersick; Kram (2002). Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo de Bardin (2015) e discurso coletivo de (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, 2012). Para a compreensão das análises utilizaram-se os pressupostos teóricos da Ontopsicologia de Meneghetti (1936 - 2013). A amostra foi selecionada por critério de conveniência e acessibilidade da pesquisadora. As participantes possuem idade entre 49 a 61 anos, todas são mães biológicas e se encontram cursando uma segunda graduação. Três são empresárias de diferentes setores e uma, docente do Ensino Superior. Os resultados estão expressos com fragmentos das falas das entrevistadas e discurso coletivo. Os dados apontam, no decorrer das suas histórias, que as participantes têm suas singularidades e vivências. No entanto, é evidente que todas estão em busca de uma novidade e dispostas a procurar novos caminhos para acessar o melhor de si. Compreender a construção do Eu e despertar para o crescimento não é uma tarefa fácil. As mulheres pesquisadas demonstraram ter consciência da sua força e das suas limitações e percebem que essa estrada abre para o otimal do seu potencial, pois concebem suas vidas como mais interessantes, intensas e tranquilas. Após percorridos os estudos e realizadas intervenções com instrumentos próprios do método Ontopsicológico, indicaram que se entendem melhor e que apreenderam a se responsabilizar por si.

Palavras-chave: Mulheres de meia idade. Ontopsicologia. Sete regras. Biografia.

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti.

² Doutora em Educação (UDELMAR-CL/Revalidação UFSCar- SP). Mestre em Psicologia (PUCRS). Especialização Profissional em Psicologia com abordagem Ontopsicológica (SPbU – RU). Docente da Faculdade Antonio Meneghetti – AMF. Acadêmica do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia.

³ Professora Orientadora. Doutora em Educação Científica e Tecnológica (UFSC).

⁴ Professora Coorientadora. Mestre em Ciências da Saúde (UNISUL/SC). Especialização Profissional em Psicologia com Abordagem Ontopsicológica (UESP/RU). Especialização em Ontopsicologia (CUB/BSB). Docente da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF/RS).

Abstract

The purpose of this article is to understand the building myself in the middle-aged women; they were students from Ontopsychology course in Antonio Meneghetti University – AMF from the last period (sixth module). For data collection was used the biographical interview elaborated by Gersick; Kram (2002). Data were analyzed through content analysis by Bardin (2015) and collective speech by (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, 2012). The analyzed used the theory of Meneghetti Ontopsychology (1936 - 2013) to a better understanding. The sample was selected according the researcher's convenience and accessibility. The participants are aged between 49 and 61 years old, they are biological mothers and these are their second graduation. Three are business women from different areas and one is a teacher of higher education. The results are expressed with speech fragments and collective discourse from the interviewees. The data indicates that the participants have their singularities and experiences through their stories. However, it is clear that everyone is looking for something new to find different ways to access the best of them. Understanding self-building and awakening to growth is not an easy task. The women surveyed showed awareness of their strength and limitations and realize that this journey opens to the maximum of their potential, because they conceive their lives as more interesting, intense and calm. After performed the studies and realized the interventions with the Ontopsycological method the conclusion indicates that they understood themselves better and they learned how to be responsible for themselves.

Keywords: Middle-aged women. Ontopsychology. Seven rules. Biography.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como primeiro escopo cumprir os requisitos para a conclusão do Bacharelado em Ontopsicologia, realizado no período de 2015 - 2019. No decorrer do curso, ao se concluir cada módulo, realizaram-se as chamadas pequenas teses – tesinas, que são textos produzidos com o intuito de integrar os conteúdos ministrados de modo interdisciplinar e formalizar o pensamento escrito sobre os conhecimentos que integravam o saber naquele momento do curso. Disso resultou a elaboração dos seguintes artigos: (i) *Hora de colher os frutos: a tomada de decisão por meio do sonho*; (ii) *Antonio Meneghetti: o formalizador da ontopsicologia e as instituições formais de ensino que respaldam o novo saber no mundo*; (iii) *Narrativa autobiográfica: a escolha otimal, mediada pela percepção orgânica e*, (iv) *Da comunicação tele (J. L. Moreno) à informação de campo semântico. A. Meneghetti: diferentes olhares para a mesma informação em consultoria*. Esses textos encontram-se publicados na revista Saber Humano e/ou no Livro da Fundação Antonio Meneghetti.

Com esse percurso realizado foi hora de escrever o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. Para isso, efetivou-se o interesse pela elaboração de um estudo relativo à mulher de meia idade, temática bastante explorada em pesquisas acadêmicas e também, em textos literários. No entanto, a ênfase dessa proposta está voltada às mulheres que estão em busca de aprimorar ou atualizar seu projeto de natureza. Mulheres que, após um percurso de vida pessoal, acadêmico e profissional, fazem a opção de frequentar um novo curso superior, Bacharelado em Ontopsicologia.

No princípio, enquanto ordem de vida pertence-se a uma mesma espécie - humana. Portanto, homens e mulheres possuem uma mesma inteligência, palavra que provém do Latim. *Intus legere actionem* que significa “ler dentro da ação, compreender dentro”. “Faculdade exclusivamente psíquica e, portanto, espiritual para compreender, em evidência, a ordem causal da ação ou do fato” (MENEGETTI, 2012, p. 139). No entanto, acontece-se na vida como fenômeno histórico, em um corpo com características biológicas femininas ou masculinas que serão vivenciadas por diferentes gêneros no contexto socioambiental.

No decorrer da história da civilização ocidental, o papel da mulher passou por diferentes transformações. Aquilo que a mulher vive hoje é reflexo das construções produzidas ao longo do tempo: a tradicional divisão dos papéis, “em que geralmente o homem se envolvia com o trabalho remunerado, enquanto a mulher dedicava-se aos afazeres da vida familiar, incluindo a administração da casa e os cuidados com os filhos” (FLECK; WAGNER 2003, p. 31). Esses autores ressaltam que a família brasileira tradicional de classe média, perdeu força e “passa a não ser mais tão comum em nossa realidade como no século XIX e início do século XX” (2003, p.31).

Em estudo realizado no Brasil sobre continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX, é possível perceber as alterações de valores, práticas e papéis desempenhados na sociedade. Bisoli-Alves (2000) salienta que em meio ao movimento das constantes transformações ocorridas no contexto social observa-se que “Os resultados enfatizam a nova forma de a mulher ser considerada” e ressalta que: “A imagem de ser frágil e necessitando de proteção, sob o domínio dos sentimentos, atuando na intimidade e presa aos cuidados com a prole, ganha outros contornos, fazendo dela um ser em construção, na busca de seu desenvolvimento e realização de potencialidades”. Assim, para a autora “ Os caminhos traçados pela evolução marcam, contudo, continuidades ao lado de rupturas” (BISOLI-ALVES, 2000, p. 233).

Um dos papéis assumidos pelas mulheres, no decorrer da história, porta-lhe a incumbência da educação dos filhos e cuidados domésticos como atividades pertencentes exclusivamente a elas. Esse fato vem se modificando ao longo dos anos. Apesar das dificuldades em assumir cargos de maior prestígio, as mulheres buscam novos espaços de atuação profissional com incremento na sua formação e no preparo acadêmico, garantindo assim, melhorias nas demandas do mercado de trabalho.

Ao longo do tempo, o mundo formal do trabalho foi visto como um espaço masculino, no entanto, com maior ênfase, nas últimas décadas, esse espaço é assumido também, pelas mulheres. O desejo de aproveitar suas possibilidades e desenvolver uma carreira, as mudanças na economia mundial, o fenômeno da globalização, a crescente oferta de consumo trazem como consequência a busca de aumento da renda familiar e favorecem a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Nesse contexto, a mulher assume cada vez mais seu espaço no mundo público do trabalho remunerado – mercado formal de trabalho, quer seja como empregada, profissional liberal, quer seja como empresária.

No meio brasileiro, a presença das mulheres no processo produtivo está ligada ao período da industrialização – indústria têxtil ainda no século XIX (SAFFIOTI, 1982). Porém, é nas últimas décadas do século XX se vê com mais intensidade e diversificação a entrada das mulheres no mercado de trabalho.

As mulheres das classes baixas sempre trabalharam para ajudar a sustentar sua família. Já as mulheres das camadas altas e médias da sociedade, ao longo das décadas, precisamente após 1960, “[...] vêm assumindo um espaço cada vez maior no mundo público do trabalho remunerado, um mundo que, até bem pouco tempo atrás, era considerado quase que exclusivamente masculino” (TEYKAL E ROCHA-COUTINHO, 2007, p. 262). Esse fato é considerado pelos autores, “Aos poucos, as mulheres foram se inserindo e conquistando posições de maior poder e prestígio [...], e hoje se encontra quase que em igualdade com os homens no mercado profissional (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007, p. 262).

Jonathan, (2005), em estudo realizado com empreendedoras analisa o bem-estar subjetivo e a qualidade de vida das empreendedoras, seus ganhos e custos psicológico vivenciados à luz da multiplicidade de papéis que desempenham. O estudo demonstra que as mulheres pesquisadas apresentam comprometimento com suas empresas, e apresentam como características, a determinação e a autoconfiança. “Orgulhosas de suas realizações, as empreendedoras se sentem vitoriosas, ora pelo reconhecimento pessoal de que são alvo, ora pelo sucesso alcançado na afirmação de seus múltiplos papéis” (JONATHAN, 2005, p. 380).

É pela ação e trabalho que o homem constrói sua história. Para Meneghetti (2004a, p. 230). “É o homem que faz o trabalho, que qualifica o trabalho.” Portanto, o trabalho é o útero permanente onde o sujeito administra a própria possibilidade, isto é, sua virtualidade para realizar aquilo do qual é dotado desde o nascimento. Desse modo, realiza sua identificação como pessoa. Homem é entendido aqui como espécie humana. Etimologicamente, o termo homem é proveniente do Latim. “*Homo* de *húmus* = terra, terrestre. Ainda do Lat. *Esse in humo* = o ente localizado e feito *no* e *do* planeta Terra”(MENEGHETTI, 2012, p.128). Desse modo, é pelo trabalho e atividade que a mulher conquista o seu espaço – que lhe fora tomado ao longo dos anos e que a separa do mundo dito “masculino” – trabalho formal. Contudo, esse espaço lhe garante a liberdade de ser sujeito na história independente de que “roupa usa”, ou seja, o estereótipo de gênero estabelecido no social.

“O trabalho, mais do que qualquer outra atividade, tem sido o grande instrumento das mulheres para marcar sua presença nas sociedades de todas as épocas, funcionando como uma ponte até o homem e a cultura, mesmo quando a atividade exercida por elas é pouco valorizada social e financeiramente” (PREHN,2004, *apud* NERY 2004, p. 53). A autora constata que no momento de escolher uma atividade ou um produto para montar o próprio negócio, as mulheres buscam refúgio em atividades consideradas femininas. Esse aspecto reforça a grande influência trazida dos espaços doméstico. “E lá estavam elas às voltas com alimentos, tecidos e crianças, aquilo que aprenderam a fazer observando as mães, tias e irmãs mais velhas” (PREHN 2004, p. 67). Essas escolhas que, no decorrer da história foram reconstruídas e redirecionadas, hoje, permitem à mulher atuar em diferentes frentes de trabalho, nos mais diversos setores.

No entanto, é no grupo social que o homem aprende os valores que são perpassados pelo meio cultural e social no qual está inserido. Para Jonathan: “Os valores acham-se entranhados na cultura e sua assimilação é lenta, constante e profunda, de tal modo que transformações drásticas levam muito tempo para se efetivarem” (JONATHAN, 2005, p. 239).

Com a participação, cada vez mais abundante da mulher no mercado formal de trabalho, tem-se a necessidade de compreender os diferentes aspectos que envolvem o fenômeno aqui descrito. Cada mulher vive dentro de si um universo distinto que pode oscilar, por várias vezes, no decorrer do dia ou em questão de segundos. Ora é mãe, ora esposa, filha, avó, amante, empregadora, empregada, empresária ou santa. E, em cada um desses papéis é exigida na sua melhor performance. Pode-se questionar, então, como relativizar cada um

desses atributos, colocando em primeiro plano, a sua verdadeira vocação? Personificando-se naquilo que para ela representa sua verdadeira força? Sem se sentir culpada ou não merecedora de respeito da sociedade por não priorizar todos os atributos que lhe foram designados ou impostos e que ela aceitou, carregando-os como se fossem seus.

Assim, a partir das considerações iniciais configurou-se o seguinte problema de pesquisa: Que características subjetivas podem ser identificadas em relatos biográficos de mulheres de meia idade que optaram por se aprofundar no conhecimento ontopsicológico (na Ciência Ontopsicológica)?

Para responder ao problema de pesquisa identificado, tem-se como o objetivo geral compreender a construção do Eu de mulheres de meia idade, alunas do último período (sexto módulo), do curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti. Especificamente, procura-se identificar os caminhos percorridos e as escolhas que modelaram o percurso de vida da participantes; identificar pontos desviantes, que as tiram do foco para atingir os resultados na vida atual; verificar qual a contribuição das escolhas realizadas para alcançar os resultados encontrados no momento presente; identificar quais são as expectativas das participantes para um futuro próximo.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e de natureza biográfica. A abordagem qualitativa de pesquisa consiste em um conjunto de práticas interpretativas de conteúdos e materiais que tornam o mundo visível, fazendo dele uma série de representações (FLICK, 2009). Portanto, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações do pesquisador com os participantes do estudo (MINAYIO, 2013).

A construção do conhecimento, a partir de um estudo biográfico, ocorre de um contexto da experiência que permite produzir uma compreensão do sujeito, de sua formação e de sua atuação profissional por meio das narrativas de vida (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015). Esses estudos favorecem um conjunto de aprendizagens que vão muito além de um processo de conhecimento da pessoa. A análise da narrativa da história de vida de uma pessoa permite a compreensão da sua formação ao longo do tempo, e a evidência das experiências vivenciadas (JOSSO, 2004). As análises e discussões do estudo fundamentam-se nos pressupostos teóricos da Ontopsicologia de Meneghetti (1936 - 2013).

As participantes do estudo são 4 (quatro) mulheres com idade entre 49 a 61 anos, todas mães biológicas e se encontram cursando uma segunda graduação. Três são empresárias de diferentes setores e uma, docente do Ensino Superior. A amostra foi selecionada por critério de conveniência e de acessibilidade da pesquisadora.

Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista biográfica elaborada por Gersick; Kram (2002), composta por uma série de entrevistas biográficas, divididas em três segmentos: **o passado, o presente e o futuro**. Tendo em vista a amplitude do instrumento, foi realizada uma entrevista para cada segmento, totalizando três sessões por participante, considerado um intervalo de, ao menos, quinze dias para cada encontro. O roteiro da entrevista Biográfica é apresentado no anexo 1.

Como segundo instrumento, para complementar as informações das entrevistas biográficas, utiliza-se um quadro (apêndice 1), elaborado pela pesquisadora e relativo às 7 (sete) regras para não errar, descritas por Meneghetti (2013), no item 3.2. No quadro, as participantes descrevem seu modo de agir antes de iniciar o curso do Bacharelado em Ontopsicologia e seu modo de agir atual, frente a cada regra. As participantes preencheram o quadro das sete regras para não errar, que compreende duas situações: (1) antes de ser aluna do curso de Bacharelado em Ontopsicologia (até 2014); (2) atualmente, como concluintes do curso.

Quanto aos procedimentos para coleta de dados, após o contato inicial de aceite em participar da pesquisa, foi lido e assinado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), de acordo com as normas da Resolução CNS/MS 510/2016. Cada participante se submeteu as três entrevistas e preencheu o quadro das sete regras para não errar, elaborado pela pesquisadora com base em Meneghetti, 2013.

No roteiro da entrevista biográfica proposto por Gersick; Kram, 2002, os autores propõem, para cada segmento, um conjunto de questões que orientam o processo de coleta de informações. As entrevistas foram registradas por meio de áudio gravação, transcritas na íntegra, para posterior análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (2015).

Para análise das informações coletadas por meio do Quadro, optou-se pela técnica denominada Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), de Lefèvre e Lefèvre (2003, 2012), formulada a partir do conceito de Representações Sociais, e, cujo objetivo é analisar respostas discursivas. A metodologia do DSC consiste na soma dos discursos obtidos individualmente e definida como Discurso do Sujeito Coletivo, que é o discurso síntese, feito na primeira pessoa

do singular (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, 2012). O processo de organização dos discursos perpassa pela análise preliminar dos relatos dos sujeitos para selecionar as **ideias centrais** e/ou ancoragens e as expressões-chaves, chamadas de figuras metodológicas. Assim, a partir dos depoimentos individuais são extraídas uma ou mais expressões-chaves que, posteriormente, são agrupadas de acordo com elementos comuns, formando um discurso-síntese ou DSC.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados são apresentados por meio das análises relativas aos quatro *Cases* pesquisados e se discorre-se sobre as ponderações identificadas nas falas das entrevistadas, com base no paradigma Ontopsicológico. Assim, os resultados são apresentados em dois tópicos complementares. O primeiro, relativo à entrevista biográfica e o segundo, às sete regras para não errar.

3.1 ANÁLISE DAS QUESTÕES RELATIVAS À ENTREVISTA BIOGRÁFICA

Para análise de conteúdo das entrevistas estabeleceram-se seis categorias articuladas aos conteúdos informados nas entrevistas, com os objetivos propostos para pesquisa. Assim, a primeira categoria descrita diz dos **caminhos percorridos** que é o resultado dos aspectos da infância que direcionaram o estilo de vida atual, a sua vida como uma metáfora e seu final feliz. Na segunda categoria, **escolhas que modelaram o percurso de vida**, diz de algumas das escolhas, circunstâncias e relacionamentos que moldaram o caminho das imagens iniciais até sua vida adulta. A categoria denominada **pontos que impedem ou dificultam atingir os resultados na vida atual**, emergiram das partes de sua vida que, atualmente, estão exigindo as maiores divisões de seus pensamentos. A quarta categoria foi definida como **contribuições das escolhas vividas para os resultados obtidos no momento presente** é composta por aspectos que indicam o aprender em qualquer idade - habilidades ou lições que sentem estar aprendendo atualmente; aspectos da vida faltando nesse momento e que deseja incluir, desenvolver ou ultrapassar e os aspectos que consideram mais satisfatórios em sua situação presente. Na quinta categoria, **expectativas para um futuro próximo**, incluíram-se os pontos que dizem respeito às possibilidades que mais desejariam ou que mais temeriam no futuro e possibilidade mais possível de se concretizarem no futuro. Ainda, se existe algum fato, em particular, que devam saber para se mover-se em direção ao futuro desejado e eventos que

ajudariam a consegui-los os que prejudicariam; inclusas também, questões ou temas para entenderem o que a sua vida tem sido e como pensam sobre o futuro. A sexta categoria, a construção do Eu de mulheres de meia idade, compreendeu a articulação de todos os itens anteriores com as informações colhidas sobre o que contariam sobre sua vida atual a um amigo que não as viam há mais de 20 anos.

3.1.1 Caminhos percorridos

Esse aspecto tem em seu contexto as passagens vividas na infância de cada uma das pesquisadas, articulado com a metáfora de suas vidas e o seu final feliz. O tema recorrente, identificado em suas falas, teve como foco as brincadeiras na infância, com curiosidade constante, que direcionaram percursos profissionais. Brincadeiras que demarcaram histórias profissionais: ser professora, estudar, vender, estar sempre buscando aprender e ensinar com curiosidade, aliados à ânsia por ter dinheiro, mas a família não permitia a criança se expor... sentir-se feliz no trabalho.

Exemplos:

P1 - *brincava de ser professora, de estudar, [...] sempre tinha ações junto.*

P2 - *E eu lembro que eu fui pro Z. e pedi se eu podia trabalhar, [...] e eu era a pessoa mais feliz fazendo aquilo... a gente não podia, não, não podia se expor.[...].*

É no se fazer no ambiente histórico que ocorre o processo de individuação, que se inicia com o corpo. O processo de individuação “coloca o Eu em contato com o ambiente, espaço, tempo, tipo de pais; por meio deles, a criança colhe as múltiplas facetas das outras realidades, das pessoas, das coisas” (MENEGETTI, 2003, p. 26)

P3 - *Eu achava muito legal ouvir alguém dizer assim “fulano é cientista”. [...] aquilo me atraía [...] sempre fui muito curiosa, ... muito rápido absorvia, aprendia as coisas e daí eu já queria uma novidade.*

A criança aprende e se constrói com a brincadeira e a sensação de curiosidade a faz impactar o puro fazer e nela se encontra diferente para se tornar, com aquele contexto. (MENEGETTI, 2014).

P4 - *Eu percebi que eu tinha um Em Si, e que eu até almejava coisas, brincando assim no imaginário, [...] eu sou hoje o que eu, brincando, eu brincava de comércio, de vender [...] eu sempre gostava de brincar de lojinha quando eu era criança.*

É no explorar livremente o contexto, inventando o seu próprio jogo ou brinquedo que vai descobrindo o valor da sua vida. A fala de P4 exemplifica o que descreve a Pedagogia Ontopsicológica, quando diz:

“A criança impacta sempre segundo parâmetros de real orgânico. [...] deixa-se que a criança brinque com os objetos funcionais do viver, do agir, da vida, do

humano. [...] a seriedade com a qual impacta as coisas irá prepará-la para gerir as coisas como patrão amanhã” (MENEGETTI, 2014, p. 54).

O percurso vivido nas brincadeiras durante a infância vai construindo alicerces para as respostas da vida adulta. Esse aspecto pode-se encontrar na passagem descrita pelas pesquisadas ao se descreverem com uma metáfora. Assim, suas vidas encontraram-se definidas **na semente, na árvore, no jogo e nas músicas**, conforme identificado nos segmentos a seguir:

P1 - A semente - a semente não vai ser outra coisa [...] essa é a parte aberta do projeto que faz parte pra mim. A vida como ela é.

P2 - Uma árvore – [...] começou pequena, [...]ela teve que ser podada várias vezes pra renascer. O refazer-se para crescer.

P3 - O Jogo - é como um jogo de vida e morte. É um jogo contínuo, é vida ou morte. Ou evolui, ou esta pra trás. A batalha diária para vencer.

P4 - Músicas - uma música do Frank Sinatra que diz “eu fiz”[...] “se eu fiz, eu fiz do meu jeito mas fiz”. Eu fiz do meu jeito, mas fiz.

As imagens escolhidas para representar suas vidas na análise da ontopsicologia têm uma simbologia de evolução e crescimento. Conforme descrita, a simbologia da árvore representa: “a vida individualizada, portanto a individuação do sujeito”. Bem como a imagem de “escutar música é positivo de per si se implica um discurso evolutivo e novo” (MENEGETTI, 2012b, p. 84).

Assim como a semente que porta o potencial virtual de um projeto a se concretizar, o jogo apresenta a decisão do ser ou não ser, a cada jogada no percurso da vida.

Para que os caminhos percorridos tenham o desfecho de sucesso, as pesquisadas perceberam aquilo que deve ocorrer para estar em conformidade com sua plenitude. Para Meneghetti (2017) existe uma “Impostação prática de como se inserir com resultado positivo no sistema social para garantir a si mesmo como pessoa, como ambiente, como sociedade e como business” (p. 11). Portanto, para garantir a si mesmo sempre em evolução, é fundamental construir uma eficiente autonomia. O autor apresenta 4 tipos de autonomia: psicológica, legal, econômica e social.

As mulheres pesquisadas demonstram a importância das autonomias quando expressam:

P1 – Conquistar as autonomias almejadas e realizar meus projetos.

P2 – Estar realizada. Um novo projeto. Sem o peso interno. Ser livre internamente.

P3 – não posso mais perder tempo com outra coisa que não seja isso assim. [Autorizar-se ao trabalho artístico]: desenhar, pintar, produzir.

P4 – Ver que encaminhei os filhos e agora consigo me realizar. Iniciando um novo ciclo.

As participantes desta pesquisa demonstram já ter resolvidas as autonomias legal, econômica e social. No que diz respeito à autonomia psicológica, é necessário encontrar a si mesma, num contínuo atualizar-se. É ser livre de ideologias que fixam a mente e o modo de ver o contexto, o que demonstra o fato de buscarem nessa fase de suas vidas, uma segunda graduação que visa “o homem, protagonista responsável, baseado em uma virtualidade capaz de atuação pessoal no ser” (MENEGHETTI, 2010, p. 130). Exprime, igualmente, a vontade de continuar em progresso contínuo com novos investimentos de primado pessoal que se complementam no contexto social.

3.1.2 Escolhas que modelaram o percurso de vida

As escolhas pessoais dessas mulheres vêm demarcadas por compromissos assumidos frente às regras determinadas pela moral social, nas quais é possível destacar como foco central **a força feminina e suas marcas**: casamento enquanto regra da família e da sociedade; os filhos – a responsabilidade materna; escolhas funcionais que não atrapalharam o percurso de vida e escolhas não funcionais que contribuíram enquanto experiências vividas; os questionamentos, as terapias e o encontro com a Ontopsicologia.

P1 - minha vó interferiu e disse: “não, com essa idade tem que casar, tu já tá solteirona...”. pensei “tá, vou casar pra não me sarnarem mais”.

P3 - Aos 30 anos então eu já estava repetindo um pouco aquilo né, porque eu já estava casada, já tinha um filho... [...]três filhos, casamento fracassado, já com aquela consciência de que “cara, peguei a estrada errada”. [...]eu tive uma passagem de consciência de que “como que eu fiz isso, como que eu fiz essas escolhas”,[...]. Aos 31, 32 anos isso estava claro, e daí eu decidi. Ok, fui eu que projetei, fui eu que cumpri, hora de mudar, hora de fazer um novo plano”. [...]fui procurar terapia. [...]três anos e meio separada, com os filhos pequenos, depois eu comecei a estudar, fui fazer mestrado aí o orientador disse, tens que pedir ajuda, pedir pro teu marido ficar com as crianças um tempo [...]então agora a gente decide, se tu não puder me ajudar por 15 dias pra eu acabar o mestrado, pra eu escrever, então os filhos vão ficar contigo” [...]eu entreguei a guarda e ele me cobrou pensão e eu disse “eu pago” e saí de casa, ele voltou pra ficar com as crianças, então [...]era isso que eu tinha que fazer, [...]eu tinha que escolher ou eu sigo com a família ou eu pego a minha estrada. E era a minha vida começando a partir do divórcio. Não foi uma vida fácil, mas foi o que me fez trazer até aqui.

Os exemplos apresentados relatam que, nem sempre as escolhas feitas no decorrer da vida, estão de acordo com o projeto natural da pessoa em questão. A trajetória percorrida reflete aquilo imposto pela ordem social, entendida como normal no decorrer da evolução da espécie humana e que nem sempre contribuiu, de fato, para desenvolver o melhor de cada um.

A sociologia jamais se perguntou e, portanto, não verificou se é verdade que a mulher tenha uma propensão natural a ser esposa e mãe, não perguntou às mulheres que se casam se o fazem porque decidiram construir um vínculo estável que prevê

também a prole, ou se o fazem porque querem “sair de casa” e o casamento é o único modo que conhecem para isso. O casamento é um “automatismo”, todos fazem assim e, cedo ou tarde, é preciso fazer, quase nunca é uma escolha realmente alternativa ao viver sozinha (CAROTENUTO, 2013, p. 27).

As mulheres desde muito cedo aprendem, dentro do grupo social, os modelos de como devem ser quando adultas. Entretanto, a mulher deve compreender a si mesma e mudar. Essa atitude implica entender que a origem de seu modo estereotipado de ver e viver o mundo, foi aprendido e construído em uma relação vivenciada na díade materna, e que a partir dela, executa o papel que aprendeu na infância, repetindo-o na vida adulta. “A mãe transmite à filha modos, estilos, valores, reações” (MENEGHETTI, 1999, p. 17). Ou seja, transmite, semanticamente uma cultura completa de comportamento, que, a partir de sua assimilação dará continuidade a essa cadeia.

Outro aspecto a ser considerado para o constituir-se pessoa está relacionado com a ambivalência feminina.

*P2 - eu **nasci ambivalente**, porque ao mesmo tempo que eu dizia que eu **não queria casar, não queria ter filho**... Eu queria ser uma pessoa do mundo, ao mesmo tempo era mais potente a sociedade. [...]já **estou ficando mais velha, tenho que casar**”. **Casei, tive filho**..., [...] **o percurso que tomou por um período, não era pra ter sido, não era pra ter acontecido**. [...] **Foi onde eu conheci a Ontopsicologia**. ... e eu tinha certeza que ela ia mandar eu me separar,... só que ela olhou pra mim e disse, “**ó, teu problema não é esse**”. [...] **não vai adiantar tu te separar, tu fugir da tua casa**. [...] **então tem a... parte mulher na minha família é muito forte**. [...] **principalmente a família da mãe, de origem alemã, as mulheres muito fortes**. [...] **Que marcaram nós, minha vó, minha mãe também**. [...] *mulheres frustradas, sofridas, muito sofridas.*”*

Em relação aos obstáculos que impedem o empoderamento feminino, Pelicioli (2016) aponta: a ambivalência, o estereótipo dominante do estilo da feminilidade e a matriz reflexa. No que tange à ambivalência, a autora cita o conceito de Meneghetti (2013) ao definir que: “Toda mulher [...] percebe constantemente em si mesma uma divisão[...] não tem a liberdade de ser de um modo fora daquilo que conhece desde a infância. *Nenhuma mulher quer ir ao fundo de si mesma, porque no fundo de si mesma tem medo.*” [grifo do autor] (MENEGHETTI, 2013, p. 35). Reafirma também que a “ambivalência feminina, é causada pelo modelo mulher-fêmea [...]. Esse modelo tolhe a liberdade de ser de outro modo, ou seja, o modo como de fato é, colocando-a em ambivalência entre o que deve ser e o que realmente é” (PELICIOLI, 2016, p. 77). A autora explica que a ambivalência feminina tem origem na divisão que a mulher porta quando executa papéis sociais: mãe, esposa, entre outros, antes de ser pessoa. Argumenta ainda que o estereótipo dominante do estilo da feminilidade é uma das

causas da ambivalência. Nesse sentido, “A raiz-base do teatro feminino é o estereótipo dominante do estilo da feminilidade, o qual, no fim, não é funcional e vencedor para a mulher” (MENEGHETTI, 2013, p. 38). Assim, “a situação de inferioridade social e econômica da mulher provém da educação que recebe em razão do gênero, sendo dela esperado que cumpra um papel conforme determinado e aprovado pela sociedade” (PELICIOLI, 2016, p. 78). Em resumo, segundo o conhecimento da Ontopsicologia, o estereótipo dominante e a ambivalência têm como origem, a matriz reflexa, definida como “[...] o modelo transmitido, semanticamente⁵, emocionalmente e inconscientemente do adulto-mãe⁶ para a filha, por isso que, mesmo sendo uma informação equivocada, ela é interna, porque foi transmitida de núcleo para núcleo, de geração em geração” (PELICIOLI, 2016, p. 79).

No exemplo de P4 percebe-se que apesar da ambivalência, a mulher tem oportunidades de reencontrar seu ponto de equilíbrio e retomar a sua estrada.

P4 - a escolha profissional, e pesou a parte financeira teve divergências porque na verdade eu queria fazer Educação Artística [tinha despesa de materiais] e acabei fazendo Ciências. [...] Então quando me formei já não tinha mais tanto interesse na parte da Educação. E foi assim, [...] veio o casamento, vieram os filhos, e nesse período eu percebi que me distanciei bastante dos meus objetivos, desse período passei a viver para a família, em função dos filhos. [quando os filhos concluíram o colegial estava com 40 anos] comecei a trabalhar na empresa do meu marido. [...] “preciso pensar em mim um pouco”. E aí começou a procura de alguma coisa para fazer, fiz vários cursos, fazia uma coisa, fazia outra, mas não chegava nunca a satisfazer a minha necessidade de ter algo mais, fazer alguma coisa pra mim. Até que eu encontrei este curso onde encontrei mais respostas para esses questionamentos. Abriu uma nova possibilidade de crescimento.

A vida se renova a cada instante, porém é preciso o tempo histórico para que o novo estilo de vida e a nova impoção se tornem ordem naquele lugar. Segundo Meneghetti (2004b), ao abordar os estereótipos da feminilidade, “... para entrar na ótica humanístico-renascentista da inteligência ao feminino, devemos superar, transcender os estereótipos que constituem os valores normativos, que até hoje ‘normatizaram’ a mulher” (MENEGHETTI, 2004b, p. 434). No discurso das pesquisadas transparece a questão das escolhas realizadas para cumprirem um modelo proposto por terceiros que não condizia com a estrada de ordem natural de si. No entanto, é possível constatar que as mulheres participantes do estudo, ao tomarem consciência de que o percurso de suas vidas poderia ser outro, retomaram o curso em uma nova direção.

⁵ Por semântico entendemos a virtualidade, a capacidade de pôr em ato efeitos segundo a informação exclusiva do intencionante vetorial, isto é, ato com efeitos segundo o primeiro significante (MENEGHETTI, 2012, p. 40).

⁶ Por adulto-mãe” entendo sempre aquele adulto que é o primeiro formal que faz a categoria da feminilidade da mulher, o primeiro formalizante do comportamento caracterial da mulher (MENEGHETTI, 2013, p. 40).

3.1.3 Pontos que impedem ou dificultam atingir os resultados na vida atual

A partir do conhecimento ontopsicológico, a maneira como a mulher foi estruturada no percurso de sua existência, porta dinâmicas que a impedem de se realizar plenamente. Contudo, são dinâmicas inconscientes que condicionam o seu modo de ser e agir. A mulher é uma situação maravilhosa porém precisa “alcançar o nível em que é profundamente livre e totalmente dona de si mesma [...] é uma questão de consciência: a mulher está atrasada no compreender a sua grandeza” (MENEGHETTI, 2013, p. 81).

O conjunto de conteúdos abordados no Bacharelado em Ontopsicologia permitiu às participantes do estudo, tomar conhecimento das dinâmicas anteriormente descritas. Isso oportunizou a abertura de consciência para a mulher dar-se conta das suas incongruências internas que a impedem de fazer as passagens necessárias ao seu crescimento pleno. O exemplo de P1 ilustra este fato: *Dar-se conta da Psicologia feminina – o papel de mãe X empresária. Filho X Empresa.*

Como demonstra, P1 já tomou consciência de aspectos que a impedem de seguir a sua lógica de vida e está em processo de mudanças para sua realização. Essa constatação encontra respaldo em: “A família é um escopo relativo, não é absoluto. [...] Para a natureza o escopo é tornar-se pessoa” (MENEGHETTI, 2013, p. 195). Com isso, infere-se que a mulher deve ter presente que ela não pode deter a vida. Os filhos são uma continuidade da vida, deve criá-los e depois deixá-los ir. Ao ter consciência disso, a mulher resgata seu egoísmo com segurança, com passagem de liberdade para realizar seu próprio projeto de vida.

3.1.4 Contribuições das escolhas vividas para os resultados obtidos no momento presente

O que foi vivido traz contribuições para a vida das pesquisadas as quais manifestam conhecimento de que realizaram escolhas que proporcionaram resultados para a atualidade, conforme expressam:

P2 - *O exercício de fazer-se só. De compreender-se só.*

P3 - *A expectativa da aposentadoria para encerrar um ciclo para mudança de atividade.*

É o se dar conta de que sempre se tem algo a desenvolver para dar continuidade à evolução pessoal. Assim, o encerrar um ciclo de vida profissional gera expectativas de

mudanças com novas atividades, juntamente com o aspecto de se compreender e de se fazer-se de modo só. Para as pesquisadas, o aprender novas habilidade ou lições a cada dia, faz parte da evolução pessoal, fato demonstrado em falas, como:

P1 - *Aprendizado com a maturidade – tenho habilidades a desenvolver.*

P3 - *Tomar consciência da falta de diplomacia e o reconhecimento que precisa mudar e focar os diálogos no ponto sem rodeios com histórias.*

P4 - *Aprendi a trabalhar com as pessoas.*

As mulheres pesquisadas têm seus anseios e estão em busca de algo a mais, são pessoas que optaram por algo diferente que faça sentido para suas vidas.

Tomar consciência do seu momento atual permite confrontar-se com aspectos da vida de que ainda sentem falta e oportuniza lhes incluir, desenvolver ou querer superar os obstáculos. Eis o que expressam a esse respeito: P2 quer algo novo; P1 quer ser feliz só; P3 quer estudar e praticar outras áreas que envolvam arte, cultura e línguas e P4 percebe que sente falta de mais estudo. Essas manifestações se expressam como:

P1 - *Ter autonomia psicológica.⁷ [...] A gente pode ser bem feliz só, essa autonomia que eu quero ter.*

P2 - *A questão do trabalho, uma coisa nova mesmo. profissional... pode ser uma outra escolha, algo diferente.*

P3 - *O compromisso da dedicação exclusiva no trabalho - eu queria eliminar, reduzir. [...] voltar a estudar italiano; fazer mais viagem internacional e continuar, no aprendizado técnico com artístico, com artes plásticas.*

P4 - *Deveria ter estudado e viajado mais – abandono de si mesmo por um tempo hoje e sente falta.*

Cabe lembrar que, neste estudo, está-se tratando de mulheres que estão na meia idade e destaca-se que os aspectos mais satisfatórias em sua situação presente e que dão sentido ao seu existir são:

P1 - *a autonomia já conquistada com uma liberdade de fazer e ver de outra maneira aquilo que não via antes.*

P2 - *Estudar mantém o equilíbrio.*

P3 - *Ter educado os filhos para autonomia e poder desfrutar do novo ciclo de vida com novos projetos.*

P4 - *Ter uma vida estabilizada, sem preocupação com os filhos e com oportunidade de retomar-se de estudar, viajar e livre para continuar em frente.*

Assim, para viver com autonomia convém ter presente a importância de uma “impostação prática de como se inserir com resultado positivo no sistema social para garantir

⁷ Autonomia em campo psicológico não significa fazer o que se quer, mas é a capacidade de evidenciar do intrínseco de si, o nascimento da vida, o nascimento da autosssegurança. Isto é, o sujeito pode fazer o que quiser, mas dentro é intacto na sua força. (MENEGHETTI, 2016, p. 113).

a si mesmo como pessoa, como ambiente, como sociedade e como *business*” (MENEGHETTI, 2017, p. 11). Também, ter uma vida estabilizada, desfrutar de um novo ciclo de vida com novos projetos, ter a liberdade de fazer e manter o equilíbrio, são parâmetros de que as pesquisadas demonstram amadurecimento e denotam clareza da distinção quanto à autonomia psicológica, legal, econômica e social, indicadas por Meneghetti (2017).

Por outro lado, confrontam-se os aspectos descritos no item referente às contribuições das escolhas vividas para os resultados obtidos no momento presente, com as sete regras para não errar, descritas por Meneghetti (2013), pelas quais as pesquisadas informam como agiam no seu passado e como agem no presente em relação a essas regras.

3.1.5 Expectativas para um futuro próximo

Como a vida, não para com seu curso, a maravilha é ter uma mente em constante movimento, e esse aspecto é percebido nas expectativas almeçadas para o futuro, descritas pelas pesquisadas como possibilidade do que mais desejariam ou do que temeriam se tornar, ou que acham mais possível de se tornar realidade em seu futuro:

P1 - Melhorando para torna-se uma pessoa livre dentro.

P2 - Ter uma maior fluidez para falar em público.

P3 - Utilizar o conhecimento e capacidades atuais para consultoria ou seguir como artista.

P4 - Retomada da vida profissional com novos projetos e fugir da estilo de vida dos amigos e parentes.

As pesquisadas demonstram estar ampliando o seu modo de perceber a si mesmas e as suas relações, dando um novo rumo às suas escolhas para projetos futuros o que se destaca na compreensão de Vidor (2014, p.72) como “a recuperação da consciência exata; proposto pelo método ontopsicológico, pode levar a consciência a refletir em base ao critério da natureza, porque entra em contato com o mundo-da-vida.”

Para que as expectativas de futuro possam se realizar, as pesquisadas têm consciência de que devem se mover em direção àquilo que pretendem. Por essa razão sabem que algo precisa ser feito e expressam:

P1 - Autoconhecimento para compreender as dinâmicas que ocorrem.

P2 - Momento de difícil retomar-se.

P3 - Ampliar a rede de relacionamentos.

P4 - Empresa familiar: falta de autonomia X reimposição.

No discurso das pesquisadas é possível detectar que há uma nova compreensão sobre como enfrentar os aspectos da vida que apresentam um momento evolutivo com mudanças e

que envolvem a vida pessoal e a profissional. Esses aspectos também são expressos no entender sobre o que foi sua vida e ver como se pensam para o futuro:

P1 - *Não ter culpa pelas falhas para se permitir dar novos passos.*

P2 - *Procurando as respostas, ter tudo bem certinho, andando mais um degraus.*

P3 - *Questão de família. Ter a leveza de dizer “não”.*

P4 - *estou me movimentando, caminhando ... dentro dessa evolução pessoal e do trabalho... vários projeto, me retomar dentro da empresa.*

3.1.6 Construção do Eu de mulheres de meia idade

O nascimento do Eu se estabelece sobre as instâncias: a) tecido orgânico ou código genético; b) imediatismo de interação corpo-ambiente e c) incidência diretiva organizada do social. Ocorridas as duas primeiras instâncias, na terceira “*O Eu sofre a vetorialidade segundo o tipo de organização mental que já pré-existe na família na qual cresce desde criança.*” (MENEGETTI, 2014, p. 177). Sendo assim, as mulheres participantes da pesquisa fizeram a construção do seu Eu com base nos pressupostos psicobiológicos ao qual pertenciam por nascimento. Dentro dessa realidade sócio ambiental ocorreu a precipitação do Eu e se determinou a consciência.

O ecoambiente, o modelo ecoambiente recipiente, fornece categorias comportamentais de consciência, cultura, costume. Em substância, a família que se encontra naquele contexto ensina a língua, o modo de comer, o modo da ética e sobretudo os modos comportamentais da *consciência*. A sociedade através da família forma as estruturas irreversíveis da consciência, do modo como a criança, o futuro adulto pensará, reagirá, formalizará a si mesmo. A sociedade dá as coordenadas de como se pensa o que é bem, o que é mal; dá as estruturas portantes de qualquer ulterior consciência (MENEGETTI, 2014, p.197-198).

Ao se constituir como pessoa, a mulher precisa superar o vivido imposto pelo esquema social - o casamento, os filhos e o modo de como se fez mulher – ao se percebe falida e ao se dar conta do blefe, vive a crise dos 40 anos. “...inicia a crise e começa o processo de sobrevivência para não cair em senilidade” (MENEGETTI, 2004b, p. 344). Na busca por sua identidade, sofre e começa a se rever.

Ao retomar o percurso da própria vida, faz autocrítica, se revisa e de algum modo, retoma o bom senso de si mesma. Deste retomar-se seu Eu lógico histórico reaviva o contato com o Em Si ôntico. Contemporaneamente, torna relativos os estereótipos acreditados até então, abandona a credibilidade total no casamento, naquele tipo de sexo..., e retoma a sua alma e, ao fazer isso, se retoma como pessoa.

Na caminho percorrido pelas pesquisadas, esse fato não ocorreu de modo diverso, visto que, ao tomarem consciência daquilo que as impedia de realizar a construção do Eu autêntico, mudam o modo comportamental para dar vasão à nova realidade de si.

Portanto, as pesquisadas apresentam sua vida atual como mais tranquila, intensa, encontrando respostas que antes não compreendiam sobre as escolhas pessoais e o responsabilizar-se pela própria vida.

P1 - [...]Minha vida hoje é bem mais **interessante, mais intensa** [...]

P2 - Em comparação à minha vida... anterior tá **muito tranquila**, e eu posso dizer que é uma vida... feliz [...]nesse momento da minha vida, **na minha casa**, como se eu tivesse resgatado uma coisa que praticamente parece que nunca vivi.

P3 - [...]O estudo, o conhecimento me, me alimenta, me nutre, me mantém... Hoje **eu me entendo melhor** sobre isso, das opções, das escolhas que eu fiz, justamente porque... isso é a minha parte, na existência assim.

P4 - [...]Eu compreendi, que não eram as pessoas que tinham que mudar, **era eu que precisava mudar. Aprendi a me responsabilizar por mim e fazer mais por mim.**

“A mulher para tomar o seu lugar na história e atuar o seu projeto existencial, precisa tomar a frente da própria vida e descobrir por si mesma, atuando a sua liderança e desenvolvendo a sua potencialidade” (PELICIOLI, 2016, p. 76). Na vida de uma mulher, ela “Pode fazer o que quiser, mas é importante que saiba que, além do marido e dos filhos, existe muito mais que pode fazer na sociedade” (MENEGHETTI, 2013, p. 108)

Despertar para o crescimento não é uma tarefa fácil. “A mulher é sobretudo uma pessoa, uma inteligência, uma alma, por isso deve investir a si mesma em uma responsabilidade superior” (MENEGHETTI, 2013, p. 106). As mulheres pesquisadas, após um percurso de estudos que aborda o conhecimento do método ontopsicológico, que possibilita se reverem e se confrontarem se estão na estrada que é verdadeiramente sua, a qual se abre para o otimal do seu potencial, têm a percepção das suas vidas como mais interessantes, intensas e tranquilas, se entendem melhor e apreenderam a se responsabilizar-se por si.

O percurso de abertura a que as pesquisadas se propuseram para atualizar o seu projeto de natureza, permitiu a cada uma, a novidade para suas vidas. Esse fato indica que estão começando a superar a ambivalência feminina (MENEGHETTI, 2013) para se centrar no egoísmo vital. Esse ponto pode ser melhor percebido no quadro das sete regras para não errar.

3.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS SETE REGRAS PARA NÃO ERRAR

A apresentação e a síntese das informações complementares à pesquisa biográfica encontram-se dispostas no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – As Sete Regras

SETE REGRAS			
Antes de ser aluna do curso (até 2014)		Hoje concluinte do Bacharelado em Ontopsicologia	
		Discurso coletivo	
1ª Tudo depende de mim. Significa que tudo depende de mim tanto externamente como no mundo psicológico. (faz ajustes externos sem se corromper dentro)			
P1	<i>Sentia um peso, achando que tudo dependia de mim, trabalho, casamento, filho, família. Achava que tinha que ajudar todos.</i>	<i>Ganhou um outro significado: minha vida deve ser bem vivida, com escolhas úteis e funcionais... Isso tudo depende de mim.</i>	A responsabilidade atual passou a ser em primeira pessoa.
P2	<i>É um exercício trabalhoso fazer ajustes externos sem compreender dentro, nem sempre acerto/acertei.</i>	<i>O grau de exigência é bem maior. E a certeza que tudo depende de mim também é maior.</i>	
P3	<i>Ainda me irritava dentro, antes de resolver.</i>	<i>Retorno situação e usando melhor os estereótipos</i>	
P4	<i>Não tinha essa percepção</i>	<i>Agora estou consciente que dentro e fora devem estar em nexos.</i>	
2ª Tudo devo fazer sozinha			
P1	<i>Entendia que não conseguia fazer sozinha.</i>	<i>É necessário a maior autonomia possível, se necessário cercar-se de pessoas funcionais.</i>	Assumem com mais autonomia a responsabilidade e os riscos.
P2	<i>Buscava muito a opinião dos outros o que me paralisava em algumas situações.</i>	<i>Faço e pago o preço caso eu erre.</i>	
P3	<i>Há muito sigo desta forma.</i>	<i>Continua assim.</i>	
P4	<i>Esperava que alguém fizesse para mim.</i>	<i>Sei que a responsabilidade é minha</i>	
3ª Não postergar			
P1	<i>As vezes postergava, outras não, dependendo se estava com disposição ou não.</i>	<i>Vejo a importância de não postergar. aqui e agora fazer o que tem que ser feito.</i>	Compreensão da importância em não postergar.
P2	<i>Pensava demais, deixando para trás algumas coisas.</i>	<i>Ainda penso, mas estou mais na ação.</i>	
P3	<i>Já tinha este hábito.</i>	<i>Mantenho.</i>	
P4	<i>Postergava.</i>	<i>Compreendi por que postergava.</i>	
4ª Não transferir aos outros o meu problema			
P1	<i>Muitas vezes fiz e bem percebi.</i>	<i>Todos os meus problemas foram causados por mim e devem ser resolvidos por mim.</i>	Assumem os próprios problemas e só buscam ajuda em último caso.
P2	<i>Não lembro quando fiz isso. Carregava os problemas voluntariamente.</i>	<i>Continuo não fazendo mas estou aprendendo a pedir ajuda.</i>	
P3	<i>Demorava a reconhecer.</i>	<i>Busco ajuda em último caso.</i>	
P4	<i>Costumava culpar os outros.</i>	<i>Sou eu que tenho que resolver.</i>	
5ª Não roubar (buscar somente aquilo que é fruto do próprio mérito sem utilizar-se de estratégias infantis e simpatias)			

P1	<i>Algumas vezes me utilizei de simpatias e tive muitas atitudes infantis.</i>	<i>Estratégias técnicas, com coerência são necessários para alcançar resultados estabelecidos.</i>	Visualizam suas atitudes e passaram a buscar seu próprio mérito.
P2	<i>Sempre foi um exercício de não me apossar daquilo que não era meu.</i>	<i>Hoje enxergo alguns gestos infantis que utilizei. Vejo também que o meu problema é de dar mérito aos outros.</i>	
P3	<i>Sempre fui mais de doar e ceder.</i>	<i>Cuido-me mais para não ser roubada.</i>	
P4	<i>Nesse ponto, sempre busquei o próprio mérito.</i>	<i>Busco meu próprio mérito.</i>	
6ª Ser honesta consigo mesma (sabe seu valor e o quanto pode ou não fazer. Tem coragem de renunciar quando não está à altura da tarefa e tem coragem de ser humilde, com disposição para aprender)			
P1	<i>Fazia muita confusão. Brigava muito comigo mesma. Tive medo de enfrentar certas tarefas.</i>	<i>Sou a mais honesta que consigo ser, procuro valorizar minha capacidade, minha experiência e meu valor. Não sinto medo, com humildade reconheço meus limites.</i>	Aprendizado da valorização e do respeito próprio.
P2	<i>Existia uma falta de humildade comigo mesma, assim acabava me quebrando, algumas vezes, por não saber dizer não.</i>	<i>Entrei no curso com um propósito: vou aprender, não ter vergonha de perguntar, dizer que não entendi, aprende a me expor sem medo.</i>	
P3	<i>Em menor medida. Aceitava provocações e desafios alheios, sem ganho pessoal.</i>	<i>Hoje me respeito mais e procuro fazer com calma o que me serve.</i>	
P4	<i>Sempre procurei estar consciente disso..</i>	<i>Continuo consciente do que posso ou não fazer</i>	
7ª Se peço, devo saber exatamente o que estou pedindo (tem coerência com aquilo que pede e o que quer)			
P1	<i>Não tinha essa coerência com o que pedia e nem bem sabia o que queria.</i>	<i>As situações são bem mais claras. Sei o que peço e o porquê. Sou coerente nas atitudes e no que peço.</i>	Maior coerência nas atitudes. Uma questão a ser vigiada.
P2	<i>A coisa mais difícil: ter consciência entre saber e o que quer e pedir de acordo. Tinha dificuldade.</i>	<i>Ainda tenho esta dificuldade falta de um novo projeto.</i>	
P3	<i>Nem sabia pedir.</i>	<i>Melhorei meu entendimento e linguagem</i>	
P4	<i>Nem sempre me fazia entender.</i>	<i>Agora estou mais cuidadosa.</i>	

Fonte: Pesquisa direta da autora -2019.

Conforme discurso coletivo no Quadro 1, apresentado a cima, percebe-se a evolução das pesquisadas com relação às sete regras propostas por Meneghetti, (2013), no que tange à primeira regra em que tudo depende de mim. Isso significa que tudo depende de mim, tanto externamente quanto no mundo psicológico (faz ajustes externos sem se corromper dentro). Descreve-se o discurso coletivo das pesquisadas como: a responsabilidade atual passou a ser em primeira pessoa. Nessa regra é possível perceber que as pesquisadas passaram da posição de “vítimas” em que percebiam a vida como um exercício trabalhoso, pesado e irritante, para ter um outro significado, com maior consciência sobre a certeza que tudo dependia delas e com uma exigência também maior.

Na segunda regra, o que era visto como necessidade de ajuda ou opinião para realizar algo ou ainda, na espera de que alguém fizesse por elas, tomou outra direção que no discurso coletivo se vê como: assumir com mais autonomia a responsabilidade e os riscos.

O pensar demais e deixar algumas coisas para trás, e ainda o estar ou não com disposição, é definido como postergar, pelas pesquisadas, porém com uma compreensão mais ampla sobre a importância de não postergar o que se refere à terceira regra.

A quarta regra trata de não transferir aos outros os próprios problemas. As pesquisadas demonstram que costumavam culpar os outros, demoravam a reconhecer, carregavam os problemas voluntariamente, mas com uma maior compreensão de si mesmas, admitem no discurso coletivo de que atualmente, assumem os próprios problemas e só buscam ajuda em último caso.

Na quinta regra que se fundamenta no “não roubar” ou seja, buscar somente aquilo que é fruto do próprio mérito sem se utilizar de estratégias infantis e simpatias. Observa-se como ponto em comum entre as pesquisadas, no presente, o fato de que visualizam suas atitudes e buscam seu próprio mérito.

Ser honesta consigo mesma diz respeito à sexta regra e requer saber seu valor e o quanto pode ou não fazer, ter coragem de renunciar quando não está à altura da tarefa e ter coragem de ser humilde, com disposição para aprender. Nessa regra as pesquisadas manifestam que faziam confusão, aceitavam provocações sem ganho pessoal, apresentavam falta de humildade e causavam dificuldades para si. No presente procuram valorizar a sua capacidade, respeitando-se, o que se define no discurso coletivo como: aprendizado da valorização e do respeito próprio.

Como sétima regra, Meneghetti apresenta (2013, p. 326), que “*se peço, devo saber exatamente o que estou pedindo*”, (ter coerência com aquilo que pede e o que quer). Observou-se que as mulheres pesquisadas, em um primeiro momento, apresentavam os seguintes argumentos:

P1 - *Não tinha essa coerência com o que pedia e nem bem sabia o que queria.*

P2 - *A coisa mais difícil: ter consciência entre saber e o que quer e pedir de acordo. Tinha dificuldade.*

P3 - *Nem sabia pedir.*

P4- *Nem sempre me fazia entender.*

Essa sétima regra tem um novo significado para as pesquisadas na fase de conclusão do curso que realizam, manifestado no discurso coletivo como: uma maior coerência nas atitudes e uma questão a ser vigiada.

Segundo o precursor da Ontopsicologia, essas sete regras são pontos simples a observar. O autor aponta que também para o líder, os pontos são sete, porém, “Esses são ‘pontos-sombra’, os pontos da responsabilidade, não são os da criatividade, mas recordá-los é o melhor serviço à identidade daquela ‘imaculada conceição’”. (MENEGETTI, 2013, p. 326).

As mudanças de atitudes ocorridas com as pesquisadas no que tange às sete regras denotam um aprendizado sobre si e uma maior compreensão sobre o seu modo de proceder na existência, tomando consciência daquilo que é útil e funcional a seu projeto de ordem natural ou identidade de natureza. Esse assunto para Vidor (2014, p. 71) é especificado como “A identidade de um ser humano não se dá pelo reconhecimento significativo de seus comportamentos aprovados pelo contexto, mas é dado na origem da vida como projeto a ser descoberto e construído. ”

Os resultados encontrados na pesquisa e as análises apresentadas, apontam que as mulheres pesquisadas se desenvolvem como mulher-pessoa ou mulher-líder. Isso significa que “é capaz de paixão metafísica” (MENEGETTI, 2004b, p. 267) a qual permite a lógica de ação histórica, ordenada e coincidente entre o Eu lógico histórico e o Em Si ôntico.

Portanto, uma mulher não pode esperar ser amada pelos outros se primeiro não encontrar o modo de amar a si mesma, Meneghetti argumenta que “A solução está no modo como ela ama a si mesma, porque daquele amar a si mesma aprende a regra de como amar os outros. ‘Ama o próximo como a ti mesmo’.” (MENEGETTI, 2013, p. 329), pois é do construir a si que constrói as passagens para o bem comum do ecossistema no qual vive.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As participantes da presente pesquisa têm suas singularidades e vivências no decorrer das suas histórias enquanto pessoas e profissionais. No entanto, é evidente que todas estão em busca de uma novidade e dispostas a procurar novos caminhos para acessar o melhor de si, que abre a possibilidade de evoluir, se tornar pessoa e realizar a vida com prazer e satisfação.

Com as análises constatou-se que:

a) O percurso vivido nas brincadeiras durante a infância foram construindo alicerces para as respostas da vida adulta. Assim, os sujeitos desta pesquisa demonstram já ter resolvidas as autonomias legal, econômica e social. No que diz respeito à autonomia psicológica é necessário encontrar a si, num contínuo atualizar-se, é ser livre de ideologias que fixam a mente e o modo de ver o contexto. O fato de buscarem nessa fase de suas vidas uma segunda

graduação, exprime a vontade de continuar em progresso contínuo, com novos investimentos de primado pessoal que se complementam no contexto social.

b) As escolhas pessoais dessas mulheres vêm demarcadas por compromissos assumidos frente às regras determinadas pela moral social e, nem sempre as escolhas feitas no decorrer da vida estão de acordo com o projeto natural da pessoa em questão. A trajetória percorrida reflete aquilo que veio imposto pela ordem social no decorrer da evolução da espécie humana, o que nem sempre contribuiu, de fato, para desenvolver o melhor de cada um. No entanto, a vida se renova a cada instante, porém é preciso o tempo histórico para que o novo estilo de vida e a nova impositação se tornem ordem naquele lugar. No discurso das pesquisadas transparece a questão das escolhas realizadas para cumprir com um modelo proposto por terceiros que não condizia com a sua estrada de ordem natural. No entanto, é possível constatar que essas mulheres, ao tomarem consciência de que o percurso de suas vidas poderia ser outro, retomaram o curso em uma nova direção.

c) A mulher porta dentro de si dinâmicas inconscientes que a impedem de se realizar plenamente e que a condicionam no seu modo de ser e agir. Contudo, para compreender a sua grandeza a mulher deve tomar consciência sobre si. As pesquisadas denotam que o percurso de uma nova graduação abre a possibilidade de tomar conhecimento dessas dinâmicas e lhes oportuniza a abertura de consciência. Por outro lado, permitiu às pesquisadas dar-se conta das suas incongruências que impedem as passagens para o seu crescimento pleno.

d) Para as mulheres deste estudo é o se dar conta de que sempre se tem algo a desenvolver para dar continuidade à sua evolução pessoal. Assim, o encerrar um ciclo de vida profissional gera expectativas de uma mudança com novas atividades, juntamente com o aspecto de se compreender e de se fazer de modo só. Para as pesquisadas, o aprender novas habilidade ou lições a cada dia faz parte da evolução pessoal. Essas mulheres têm seus anseios e estão em busca de algo a mais para suas vidas, são pessoas que optam por algo diferente que faça sentido para suas histórias. Ter uma vida estabilizada, desfrutar de um novo ciclo de vida com novos projetos, ter a liberdade de fazer e manter o equilíbrio, são parâmetros de que as pesquisadas demonstram amadurecimento e denotam clareza da distinção quantos aos quatro autônias proposto por Meneghetti (2017). Assim, as mudanças de atitudes ocorridas com as pesquisadas no que tange às sete regras mostram um aprendizado pessoal e uma maior compreensão sobre o seu modo de proceder na existência, tomando consciência daquilo que é útil e funcional a seu projeto de ordem natural ou identidade de natureza.

e) As pesquisadas demonstram estar ampliando o seu modo de se perceber e notar as suas relações, dando um novo rumo às suas escolhas para projetos e expectativas de futuro. Ainda têm consciência de que devem se mover em direção àquilo que pretendem. Por essa razão, sabem que o retomar-se e o reimpostar-se exige estar atentas às dinâmicas inconscientes que ocorrem. Porém, em suas falas é possível detectar que há uma nova compreensão sobre como enfrentar os aspectos da vida que apresentam um momento evolutivo, com mudanças que envolvem a vida pessoal e profissional.

f) Compreender a construção do Eu e despertar para o crescimento não é uma tarefa fácil. As mulheres pesquisadas, após um percurso de estudos que aborda o conhecimento do método ontopsicológico, que possibilita se rever e se confrontar se estão na estrada que é verdadeiramente sua, demonstram consciência da sua força e das suas limitações. E, Percebem também, que essa estrada abre para o otimal do seu potencial, pois tem a percepção das suas vidas como mais interessantes, intensas e tranquilas. Após percorridos os estudos e realizadas intervenções com instrumentos próprios do método Ontopsicológico, indicam que se entendem melhor e que apreenderam a se responsabilizar por si.

A presente pesquisa foi fruto de dois momentos pessoais da pesquisadora durante a duração da Graduação. Num primeiro momento, em uma das disciplinas foi sugerido que escolhesse um tema de preferência para explanar durante uma aula. O tema escolhido foi “As sete regras para não errar” (MENEGHETTI, 2013). Depois, ao assumir o grupo de pesquisa do Bacharelado percebeu-se que o trabalho de TCC adequado, seria um tema complementar à proposta da pesquisa em andamento. Assim, ao realizar esta pesquisa agregou-se valor, tanto para os trabalhos desenvolvidos no grupo de pesquisa, quanto com os alunos do Curso, bem como, ao aprofundar o assunto, retomou-se o tema das sete regras no contraponto com as estudantes do Curso. Esse aspecto auxilia a compreender um pouco mais sobre a construção do Eu nas mulheres.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed., rev. e ampl. Lisboa: Edições 70, 2015.
- BIASOLI-ALVES. Z.M.M. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia Teoria e Pesquisa**. n. 3. V16, 2000. pp. 233-239.
- CAROTENUTO, M. Prefácio. *In*: MENEGHETTI, A. **Feminilidade como sexo, poder, graça**. 5. ed. rev. atual. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2013. p. 19-27.

- FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**. v. 8, n. especial. p.31-38, 2003.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GERSICK, C. J. G.; KRAM, K. E. High-achieving women at midlife. An exploratory study. **Journal of Management Inquiry**, v. 11, n.2, p.104-127, 2002.
- JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Psicologia em Estudo**. n.3 v.10, n.3, 2005. p.373-382, 2005.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, SP: Cortez, 2004.
- LIMA, M. E. C. de C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, v.1, p. 17-44, 2015.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa** (desdobramentos). Caxias do Sul, RS: EDUSC, 2003.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. (2003). **Pesquisa e representação social um enfoque quali quantitativo**: a metodologia do discurso do sujeito coletivo. Brasília, DF: Liber Livro, 2012.
- MENEGHETTI, A. **A mulher do III Milênio**. Porto Alegre: Psicológica Editrice. 1999.
- MENEGHETTI, A. **O nascimento do eu**. 2.ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003.
- MENEGHETTI, A. O Em Si do homem. 5. ed. Recanto maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004a.
- MENEGHETTI, A. A feminilidade como poder, sexo, graça. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004b.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4.ed. rev. atual. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2.ed. rev. atual. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2012.
- MENEGHETTI, A. **Prontuário Onírico**. 6.ed. Rev. Atual. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2012b.
- MENEGHETTI, A. **Feminilidade como sexo, poder, graça**. 5.ed. rev. atual. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2013.
- MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2014.
- MENEGHETTI, A. **Residência Ontopsicológica**. 4.ed. rev. atual. 4.ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2016.
- MENEGHETTI, A. **Antonio Meneghetti sobre... Jovens e realidade cotidiana**. Recanto Maestro, São João do Polêsina, RS: Fundação Antonio Managhetti, 2017.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- PELICOLI, C. I. Da ambivalência à liderança: um estudo de caso. **Saber Humano: Revista científica da Faculdade Antonio Meneghetti**, [S.I], v. 6, n. 8, p. 72-90, ago. 2016. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/132/166>. Acesso em: 12 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.18815/sh.2016v6n8.132>.

PREHN, D.R. Presença feminina na microempresa: de empregada a empresária. In NERY, M. S. (org.) **Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Vol. 1. Poro Alegre: Edipucrs. 2004, p. 53-72.

SAFFIOTI, H. I.B. O trabalho da mulher no Brasil. **Revista Perspectivas**, São Paulo, v.5. p. 115-135, 1982. Disponível:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/1804/1457>. Acesso em: 24 agosto 2019.

TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M.L. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Psico**, n.3 v.38, n.3, p. 262-268, 2007.

VIDOR, A. et al. **Uma nova pedagogia para sociedade futura: princípios práticos**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicologica Editora Universitária, 2014.

ANEXO I

ENTREVISTA BIOGRÁFICA

Origem: Connie Gersick e Kathy Kram

Gersick, Connie J. G. & Kram, Kathy E. (2002). High-achieving women at midlife. An exploratory study. *Journal of Management Inquiry*, Vol. 11, Nº2, p.104-127

INTRODUÇÃO

Nesta série de entrevistas biográficas, eu espero aprender sobre sua vida agora, e o caminho que você tomou para chegar até aqui. Eu gostaria de formar um quadro das atividades e relações que são importantes para você, as maiores satisfações e frustrações que você já experienciou, e os fatores que ajudaram ou dificultaram você ao longo do tempo.

Começarei pedindo uma breve descrição de onde você está agora e, depois, traçar sua história de vida até este ponto. Em outras entrevistas, posteriormente, nós focalizaremos mais no que a sua vida é agora e em o que você está pensando para o futuro.

Espero que você se sinta confortável falando livremente, sem sentir-se pressionado a dizer mais do que você deseja dizer. Eu gostaria de usar o gravador para registrar melhor suas palavras, mas posso desligá-lo prontamente, em qualquer momento, quando você desejar. Estas entrevistas serão tratadas confidencialmente, e as participantes não serão identificadas em momento algum mesmo quando os resultados da pesquisa forem publicados.

SEGMENTO I: O PASSADO

1. Ao encontrar um amigo, ou amiga, que você não vê há 20 ou 30 anos e quisesse contar sobre sua vida atual, como você se descreveria e a sua vida hoje?
2. Nós falamos um pouco sobre como é sua vida hoje. Se você quisesse voltar atrás no tempo, na época em que era uma criança, como seria o quadro de você agora em comparação com o que você *pensava* que seria sua vida quando você crescesse?
3. Eu gostaria de compreender algumas das escolhas, circunstâncias e relacionamentos que moldaram o caminho daquelas imagens iniciais até sua vida hoje. Como você veio de lá até aqui? Estou especialmente interessada em sua vida adulta, desde, aproximadamente, os trinta anos em diante, mas, por favor, comece desde quando queira.
4. Às vezes as pessoas pensam sobre si mesmas e suas vidas como uma metáfora: como uma viagem, um jogo, um rio, uma planta crescendo, ou um livro que está sendo escrito. Existe alguma metáfora ou imagem que você já tenha usado para pensar sobre sua vida? Se existe, poderia me explicar? Essa metáfora descreve como foi mudando ao longo dos anos?

SEGMENTO II: O PRESENTE

A. Houve alguma reação ou reflexão sobre a nossa primeira entrevista?

B. Questões específicas de seguimento da primeira entrevista:

1. Não se para de aprender em qualquer idade. Que habilidades ou lições você sente que está aprendendo agora?
2. Que partes de sua vida estão exigindo as maiores divisões de seus pensamentos e energias, agora, e por quais razões?
3. Existem aspectos da vida que você sente que são especialmente importantes porque estão faltando neste momento - coisas que você gostaria de incluir ou desenvolver mais? Existem coisas que você desejaria que se tornassem menos parte de sua vida - coisas que gostaria de ultrapassar?
4. Sobretudo, que coisas você acha mais satisfatórias em sua situação presente?

SEGMENTO III: O FUTURO

A. Alguma reação ou reflexão de nossa última entrevista?

B. Questões de seguimento específicas da segunda entrevista:

1. Todas nós conhecemos histórias que terminam com personagens “vivendo felizes para sempre”. Se você tivesse seu próprio final feliz para sempre, qual seria?
2. Uma das maneiras de pensar sobre o futuro é considerar os possíveis nós mesmas em que poderemos nos tornar. Diga uma ou duas possibilidades que você mais desejaria se tornar no futuro? Diga uma ou duas possibilidades que você mais temeria se tornar no futuro? Diga uma ou duas possibilidades que você acha que são mais passíveis de se tornarem realidade no futuro?
3. Você pensa que exista alguma coisa em particular que você deva saber para mover-se em direção ao futuro que você deseja? Se a resposta é sim, que espécie de coisas - relacionamento com os outros, circunstâncias, fatores em você mesmas - a ajudariam sua capacidade de conseguir isso? Que coisas prejudicariam você?
4. (Sumário: principais temas cobertos nas duas primeiras entrevistas). Existem algumas questões ou temas que nós não discutimos e que deveríamos para entender o que sua vida tem sido e como você pensa sobre o futuro?
5. Como você está se sentindo sobre ter participado nesta pesquisa?

Neste ponto, como você se sentiria se, cinco anos a partir de agora, eu pedisse para falar com você sobre um estudo de seguimento da presente pesquisa?

APÊNDICE 1

Sete regras

Um convite para que reflitas a sua posição de mulher frente a sociedade. Nos espaços abaixo descreva exemplos da sua vida no que tange a cada um dos itens em dois momentos da sua história: antes de iniciar curso na AMF e hoje como concluinte do Bacharelado em Ontopsicologia

Qual o meu modo de proceder nas seguintes questões	Antes de ser aluna do curso (até 2014)	Hoje concluinte do Bacharelado em Ontopsicologia
1. Tudo depende de mim. Significa que tudo depende de mim tanto externamente como no mundo psicológico. (faz ajustes externos sem se corromper dentro)		
2. Tudo devo fazer sozinha		
3. Não postergar		
4. Não transferir aos outros o meu problema		
5. Não roubar (buscar somente aquilo que é fruto do próprio mérito sem utilizar-se de estratégias infantis e simpatias)		
6. Ser honesta consigo mesma (sabe seu valor e o quanto pode ou não fazer. Tem coragem de renunciar quando não esta a altura da tarefa e tem coragem de ser humilde com disposição para aprender)		
7. Se peço, devo saber exatamente o que estou pedindo (tem coerência com aquilo que pede e o que quer)		

